

“E FOI ASSIM QUE ÁDRIAZINHA VEIO AO MUNDO...”: GÊNERO E REPRESENTAÇÃO FEMININA EM A MULHER DO GARIMPO, DE NENÊ MACAGGI

Fernanda Kelly Ribeiro da Silva (UFRR)¹

RESUMO: Partindo da narrativa romanesca da escritora Nenê Macaggi, em sua obra *A Mulher do Garimpo* (1976), este trabalho busca apresentar como o referido texto pode contribuir para a discussão dos processos de construção da identidade feminina a partir das vivências da personagem Ádria. Ao protagonizar personagens viajantes e marginalizadas, a escrita literária de Nenê Macaggi desvela a intimidade dos impactos sociais nos corpos femininos. A partir da pesquisa realizada, pudemos perceber que as imposições sociais, bem como o patriarcado, ainda perpetuam as mesmas práticas de outrora, e que, a Literatura auxilia nos rompimentos desses ritos de silêncio. Através da pesquisa bibliográfica, cujo método remete à análise da obra *A Mulher do Garimpo*, de Nenê Macaggi, participam das nossas reflexões os estudos realizados por Butler (2006), Spivak (2010), Almada (2017), Saffioti (1976), e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Corpo; Mulher; Representação feminina.

ABSTRACT: Based on the novel narrative by writer Nenê Macaggi, in her work *A Mulher do Garimpo* (1976), this paper seeks to present how the aforementioned text can contribute to the discussion of the processes of construction of female identity based on the experiences of the character Ádria. By starring traveling and marginalized characters, Nenê Macaggi's literary writing unveils the intimacy of social impacts on female bodies. From the research carried out, we could see that social impositions, as well as patriarchy, still perpetuate the same practices of the past, and that Literature helps to break these rites of silence. Through bibliographical research, whose method refers to the analysis of the work *A Mulher do Garimpo*, by Nenê Macaggi, the studies carried out by Butler (2006), Spivak (2010), Almada (2017), Saffioti (1976), and others.

KEYWORDS: Genre; Body; Woman; Female representation.

INTRODUÇÃO

Este texto pretende fazer uma reflexão acerca da identidade de gênero e a representação da mulher na obra *A Mulher do Garimpo* (1976), de Nenê Macaggi. O objetivo deste artigo será discutir os processos de construção acerca da identidade feminina da protagonista Ádria, personagem do romance acima citado. Dessa maneira, em nossa análise, levaremos em consideração os processos de deslocamentos² como forma de resistência perante as imposições

¹ Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) e mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras pela mesma instituição. Email: fernanda.ufr@gmail.com

² Quando nos referimos a deslocamento, estamos falando da mulher sendo protagonista em seus atos de resistência: sobrevivendo as imposições que o patriarcado e a sociedade impõem. E no deslocamento da identidade de gênero,

submetidas à protagonista do romance e, ainda, como a questão do travestimento é representado na obra.

Na obra *A Mulher do Garimpo* – o romance do extremo sertão do norte do Amazonas (1976), a protagonista é construída a partir dos deslocamentos e circunstâncias vivenciadas. A obra deixada por Macaggi explora a condição de travestimento da personagem, para que seu corpo feminino estivesse salvo e guardado. O corpo feminino, considerando e tratado como frágil e vulnerável, foi submetido a uma reconfiguração, uma vez que se acreditava que, como “menino/homem”, a personagem estaria salvaguardada dos perigos que estivessem à espreita.

Partindo desses pressupostos, a construção social do corpo do, agora, José Otávio (antes Ádria), estará vinculado à masculinidade. Dessa maneira, vemos que o travestimento da personagem, bem como a imposição de ‘gênero’ interfere na passionalidade do sujeito, uma vez que a personagem protagonista do romance passa a identificar-se com a sexualidade construída pela sociedade ou pelas pessoas do seu entorno.

1. A CONDIÇÃO FEMININA NA HISTORIOGRAFIA

A experiência da sexualidade bem como as práticas sexuais e, os modos de relacionamentos da sociedade passaram por mudanças consideráveis nas últimas décadas. As discussões sobre gênero vêm se ampliando e ganhando consistência nos últimos anos. Entretanto, não existe ainda um conceito universal sobre gênero. Dessa maneira, percebemos que constantemente o termo ‘gênero’ vem sendo utilizado para referenciar a construção de identidade que qualifica o masculino e o feminino. Assim, o gênero pode distinguir as diferenças entre corpos “masculinos” e “femininos”.

Como ponto de reflexão inicial, é necessário destacarmos que historicamente na sociedade patriarcal, a mulher sofria um anulamento, fosse de posses, de ideias, de identidade. Os pais, os maridos e posteriormente a comunidade, usavam de discursos para denotar a fragilidade feminina bem como sua inferioridade. Através dos anos vemos que tais declarações tornaram-se demasiadamente naturalizadas. Tais questões estão relacionadas com o que foi vivenciado por Ádria, protagonista do romance assinalado.

do seu passado, do plano estético, etc. Ver, BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

Ao longo da história, homens e mulheres desempenharam papéis diferentes. No século XVII as concepções propagadas reforçaram a ideia de que a mulher era um ser destinado a procriação e sem vontade própria. Como afirma Saffioti:

A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica. Isto equivale a dizer que, afora as que permaneciam solteiras e as que se dedicavam às atividades comerciais, as mulheres, dada sua incapacidade civil, levavam uma existência dependente de seus maridos. E a asserção é válida quer se tomem as camadas ociosas em que a mulher dependia economicamente do homem, quer se atente para as camadas laboriosas nas quais a obediência da mulher ao marido era uma norma ditada pela tradição. Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família. (SAFFIOTI, 1976, p. 17)

Como apontado por Saffioti (1976), a mulher era considerada como o “sexo frágil” que necessitava da assistência do homem. Assim, o matrimônio era a válvula de escape para que a posição da mulher na sociedade fosse de fato consistente. Historicamente, ainda entre os séculos XVII e XX a personalidade feminina era marcada pela submissão. Foi no período de colonização que o patriarcado se desenvolveu ocasionando ainda mais a subjugação das mulheres. O patriarca, chefe da família, proprietário de terras e também dono de escravos, era o grande responsável pela esposa, filhos e pessoas que viviam subjugadas a seu poderio. Assim, neste período, as mulheres eram controladas em tudo, estavam sob o poder do patriarcado, sem direito a educação, cidadania e ainda conviviam com toda forma de privação e desigualdade. Já no pós-colonialismo, as atribuições concedidas aos homens não eram dadas às mulheres, a condição feminina era vista como a que devia se submeter, silenciar e obedecer, como afirma Bonnici:

[...] europeus se convenciam da sua superioridade cultural e intelectual diante da “nudez” dos ameríndios; gerações de homens, praticamente de qualquer origem, tomavam como fato indiscutível a inferioridade das mulheres. Nesse caso, estabeleceu-se uma relação de poder entre o “sujeito” e o “objeto”, a qual não reflete a verdade (BONNICI, 2009, p. 257)

Desse modo, o fato de Bonnici apontar que os direitos concedidos aos homens não eram os mesmos outorgados as mulheres nas sociedades pós-coloniais, corroborava com o conceito da inferioridade da mulher. Assim, a mulher colonizada era submetida a subalternidade e opressão tanto do patriarcado como da sociedade.

2. DOMINADA, OPRIMIDA E SILENCIADA: UMA LEITURA DE ÁDRIA, DE A MULHER DO GARIMPO

A obra *A Mulher do Garimpo* trata fortemente das questões de gênero, condição da mulher e dos deslocamentos femininos. Decerto que desde o século XIX existem movimentos de luta pela emancipação feminina, entretanto, este romance traz à tona a figura da mulher à margem da sociedade. Em *A Mulher do Garimpo*, observamos essa questão a partir do momento que Ádria, ainda em sua infância, é vestida de menino com o intento de não “chamar atenção” e perder a sua virtude ou quando em plena adolescência é vítima de gozação por ser um menino afeminado posteriormente vindo a ser assediada e quase abusada sexualmente, como relatado na obra:

Aos sete anos estava no Grupo escolar do Largo do Machado. Inteligente e estudiosa, andava sempre vestida de homem e chamavam-na de José Otávio. É que Joãoão Bico-de-Lacre, em sua profissão trabalhando sempre com a escória, sabendo o quanto chega a maldade humana, para salvaguardar a integridade física da menina, achou melhor fazê-la passar por garoto. Depressa ela se acostumou com os trajes e aos poucos foi adquirindo hábitos do sexo oposto. Mais tarde, quando foi para o Grupo, ninguém reconheceria naquele menino simpático e desempenado, Ádria de Azevedo, a bisneta da vovó Belinha e filha de Maria-Só. (MACAGGI, 1976, p. 34).

Nessas situações já percebemos o anulamento da mulher Ádria e sua opressão. Ainda na adolescência, Ádria sofreu assédios e maus tratos. A narrativa relata que a personagem era:

Invejado e desprezado porque não podia mudar o que a natureza lhe dera: o vigor físico, a voz, o cabelo fulgurante e ondulado que todos elogiavam. Muitos o detestavam porque era simpático e delicado. [...] Sem nunca conseguir ver quem era, jogavam-lhe pedras, lixo e água. Por isso, deixou cheio de mágoa, o grande casarão onde nascera e crescera. Tinha na ocasião dezessete anos, era bonito e entroncado (MACAGGI, 1976, p. 45).

Em busca de progresso, Ádria decidiu deslocar-se do seu local, acreditando que sua vida seria melhor em outra localidade, com outras pessoas e com um novo recomeço. Foi aos 17 anos que Ádria/José Otávio cansada de viver onde nascera e crescera, decidiu ir embora. Durante a leitura da narrativa, somos telespectadores do deslocamento de Ádria/José Otávio de seu local de origem com destino ao então desconhecido extremo norte do Brasil. A partir desse momento, Macaggi conduz o leitor para vivenciar a viagem de barco da protagonista do enredo. Ao chegar na cidade de Manaus, Ádria/José Otávio conseguiu um trabalho de motorista em uma funerária da cidade. Posteriormente, a protagonista começa a trabalhar como garimpeiro nas regiões do Alto Contigo e Tepequém, e outras regiões do norte. Nesse entremeio, a autora descreve com exatidão o espaço geográfico, bem como suas histórias. O enredo descreve a personagem Ádria/José Otávio chegando na cidade de Boa Vista do Rio Branco, capital do então Território Federal do Rio Branco, e conhecendo seus costumes locais, além de viajar pela região dos garimpos da Venezuela. Entre todas as questões já citadas, é válido ressaltar que a

personagem vive em constante troca de lugar, são idas e vindas entre as regiões daqueles garimpos.

Desse modo, em todos esses momentos, com idas e voltas, a personagem se encontra em conflito desde que sua identidade foi anulada, como vemos no diálogo entre a protagonista e um dos personagens da obra “[...] é que me enerva estas moças me olharem tanto, como se quisessem me conquistar. Eu não gosto de namoro. Nunca namorei em minha vida. Não tenho jeito. A gente passa, elas ficam me olhando e comentando [...]” (MACAGGI, 1976, p. 112). Outro conflito vivido pela personagem é quando Ádria sofre as consequências por manter as aparências da sua vivência como José Otávio: um dos personagens da obra caracteriza a protagonista como um homem estranho: “[...] como você é esquisito, rapaz! Onde já se viu moço de sua idade não namorar? Podia até arranjar uma noiva por aqui. Moça distinta e séria não falta” (MACAGGI, 1976, p. 112). Nesse trecho da obra, podemos perceber que Ádria/José Otávio não demonstrava varonilidade diante do claro interesse das moças, como é o caso da paixão unilateral de Florzinha por Ádria/José Otávio. Em busca de não ferir os sentimentos da moça e ao mesmo tempo não querendo revelar sua sexualidade, Ádria/José Otávio manteve distância dos sentimentos da jovem, o que de modo algum apaziguou a situação, visto que Florzinha, em contrapartida, achava que Ádria/José Otávio tinha uma namorada em Manaus, ficou triste, muito apaixonada, e por não ser nem um pouco correspondida, acabou se suicidando.

Por fim, o último conflito da personagem é em nome do amor, sofrendo novas formas de sanções sociais negativas por manter sua vivência como José Otávio. Sendo assim esse último conflito, ao invés de gerar mais um deslocamento para a personagem, surge como a resolução para a sua questão de gênero, contribuindo assim para o seu então final feliz.

A obra assevera que Ádria/José Otávio tem seu corpo submetido a clausuras justamente para resguardar sua integridade. Ádria, enquanto criança, já sofre mudanças físicas “[...] andava sempre vestida de homem e chamavam-na de José Otávio. [...] achou melhor fazê-la passar por garoto.” (MACAGGI, 1976, p. 34). Dessa maneira, na narrativa, percebemos que Ádria, ao se vestir como garoto, não foi suficiente para ter seu corpo a salvo como lhe fizeram acreditar, já que mesmo assim ora a personagem sofre assédios, ora tentativas de abuso. Acerca desses fatos a obra indica que:

Uma criatura, sobretudo, o odiava: Cristina-Monta-Burro. Um novo amásio seu descobrira, por indiscrição dela, que José Otávio era mulher. Desejou-o. Tentou violentá-lo. Ele se defendeu com um formidável “virar-balão” que estendeu o mulatono solo, desacordado. Cristina jogou-lhe uma peixeira, que não o alcançou.

Então ela avançou, furiosa, para esmurrá-lo. Mas ao ver a atitude do rapaz, pronto para derrubá-la também, se conteve, roxa de raiva (MACAGGI, 1976, p. 45).

Por ser mulher, independentemente do método de salvaguarda, Ádria/José Otávio não estava segura. Nosso objeto de estudo, a protagonista do romance é apresentada como uma personagem frágil: “[...] para salvaguardar a integridade física da menina, achou melhor fazê-la por garoto.” (MACAGGI, 1976, p.34). Ao passar por tais transformações, seu corpo foi submetido a um novo visual, porém, a protagonista por vezes encontrava-se de frente com conflitos emocionais que envolviam a sua sexualidade. Como aponta Macaggi:

[...] na pacata cidade ele não pôde ficar além de uma semana. Foi um verdadeiro suplício o que sofreu. Olhavam-no desconfiados e as moças viravam-lhe o rosto. Ouvia murmurarem “conquistador”, “garanhão”, “Mulher do garimpo” e “assassino” e chorava desesperado. Poucas pessoas o tratavam com doçura, nunca aludindo ao que se passou na mina e entre elas dona Sinhá Terêncio, Dário Brito, Miro Lima e seus irmãos Lázaro e Tota. (MACAGGI, 1976, p. 268).

O fato de Ádria estar travestida de homem, deu-lhe a liberdade de transitar por caminhos que poderiam ser considerados “impróprios” a uma moça. Cabe notar que desde a infância o sexo feminino e masculino são diferenciados pela cor da roupa, tipo de vestimenta, corte de cabelo, uso de acessórios e modo de agir. É fato que o sexo é determinado pelas genitálias enquanto o gênero é uma construção social atribuída ao sexo. Citações do tipo “cuidar da casa é coisa de mulher” ou “os filhos são responsabilidades da mulher” fazem com que o peso das imposições sociais pesem sob o sexo feminino limitando a forma de ser e agir das mulheres. Nesses dizeres vemos explicitamente a questão de gênero imposta, pois se o que caracteriza ser “homem” e “mulher” é a biologia e anatomia, de modo algum haveria necessidades em atribuir tarefas específicas ao sexo masculino/feminino. Afinal, biologicamente falando, o sexo não faria diferença na hora de uma mulher jogar futebol (caso quisesse), ou de um homem lavar uma louça, por exemplo. Acerca disso, Spivak (2010) aponta que:

A questão não é da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66-67)

Como apontado por Spivak, a mulher é um sujeito oprimido pela dominação masculina. Assim, a construção ideológica de gênero que tanto vem sendo perpetuada causa no sujeito feminino um esquecimento, uma forma de anulamento diante das imposições da sociedade. Em suma, a imagem idealizada da mulher que se cria está condicionada aos padrões que a sociedade

impõe. No caso de Ádria, inicialmente, as pessoas ao seu entorno consideravam-na “frágil” e sujeita a abusos, portanto acharam melhor fazê-la se passar por José Otávio. No entanto, em nenhum momento da narrativa Ádria deixa de ser mulher, ela apenas está travestida/fantasiada de homem. Suas vontades e sentimentos continuam sendo de uma mulher cisgênero³.

Dessa maneira, é preciso pontuar que pensar em corpos dentro de uma perspectiva única e insólita é por demais limitado, além de deixar de compreender que os seres humanos são dotados de autonomia. Entretanto, acreditamos que impor a um determinado indivíduo que este dever ser homem ou mulher é o mesmo que anular sua autonomia e livre arbítrio.

Durante séculos a mulher serviu de comparações e teve que lidar com padrões e estereótipos que a colocavam/colocam numa posição inferior à dos homens. É certo que os seres humanos não nascem prontos ou com suas ideologias determinadas e que é por meio da educação, convivência social e círculo familiar, que os indivíduos vão se formando a fim de adentrar como cidadãos atuantes na sociedade. Considerada o “sexo frágil”, em muitas situações, a imagem da mulher é facilmente associada ao ser indefeso, carente de cuidado e atenção. Desse modo, a mulher é enxergada como a pessoa nascida para cuidar do lar e da família. Enquanto o homem é o “chefe” do lar. Enquanto o homem é aquele que detém o poderio nas mãos a mulher é apenas mais uma reprodutora de crianças e bons costumes.

O “sujeito subalterno” a qual Spivak se refere, em muitas situações tem sido a mulher. Vivendo à margem e fazendo parte das minorias, a mulher é dominada pelo sexo oposto. Desde crianças, os pais, a família e até mesmo as pessoas ao entorno, reforçam certos tipos de comportamentos de acordo com o gênero dado a criança no nascimento. Argumentam que jogar futebol é coisa de menino e que menina tem que brincar de boneca. Assim, constantemente, um padrão vai sendo moldado no qual a “menina meiga posteriormente será uma mulher/dona de casa respeitada”, enquanto os meninos serão homens másculos, “pegadores” e populares. É o habitual estereótipo de que “meninas são sensíveis” e “homem não chora”. Dessa forma, a respeito da relação entre identidade e gênero, Butler assevera que:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gêneros da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2010, p. 20)

³De acordo com o dicionário, refere-se a pessoa que se identifica completamente com o seu gênero de nascimento. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cisgenero/>. Acesso em 20 de jun de 2021

Assim, o fato de Ádria vestir-se como homem, deu-lhe a liberdade de transitar por caminhos que poderiam ser considerados “impróprios” a uma moça. Para esclarecer melhor a questão, o sexo usualmente é determinado pelas genitálias enquanto o gênero é uma construção social atribuída ao sexo. Quantas vezes já não ouvimos a célebre citação que “cuidar da casa é coisa de mulher” e que “bombeiro é profissão de homem”? Nesses dizeres vemos explicitamente a questão de gênero imposta, pois se o que caracteriza ser “homem” é a biologia e anatomia, de modo algum haveria necessidades em atribuir tarefas especificamente a homem e mulher. Afinal, biologicamente falando, o sexo não faria diferença na hora de uma mulher jogar uma bola (caso quisesse), ou de um homem lavar uma louça, por exemplo.

Como abordado por Spivak (2010), a mulher, ao longo de boa parte da história da humanidade, foi relegada a uma condição inferior. Era o homem, fosse pai ou marido que tomava grande parte das decisões do lar. Ademais, o marido ou pai (se fosse o caso), era o provedor, enquanto a mulher era “apenas aquela que cuidava da casa”. Ao homem, cabia as funções de trabalhar fora, participava das decisões políticas, transitar na sociedade sem julgamentos ou mal olhados. Enquanto isso, a mulher permanecia restrita ao espaço doméstico, cuidando da casa e dos filhos. Nesse contexto de privações da liberdade, a mulher, ou como diz Spivak “o sujeito subalterno feminino”, sempre encontrou obstáculos para participar ativamente do meio social. Vale ressaltar que Spivak (2010) sustenta seus argumentos apontando justamente o que as questões de gênero expressam, que a situação de marginalidade do sujeito subalterno é mais árdua para o sexo feminino, posto que a mulher subalterna não pode falar e quanto tentar falar não consegue encontrar meios de ser ouvida.

Por isso, pensar em corpos dentro de uma perspectiva única e insólita é por demais limitado, além de deixar de compreender que os seres humanos são dotados de autonomia. Desse modo, é possível perceber que impor a um determinado indivíduo que este dever ser homem ou mulher é o mesmo que anular sua autonomia e livre arbítrio.

Durante séculos a mulher tem sido comparada a estereótipos que a colocam numa posição inferior à dos homens. É possível perceber que os seres humanos não nascem prontos ou com suas ideologias determinadas, é por meio da educação, convivência social e círculo familiar, que os indivíduos vão se formando a fim de adentrar como cidadãos atuantes na sociedade. Assim, a educação sexual tem um grande papel na formação de homens dominadores e de mulheres subjugadas.

Historicamente, as mulheres estavam condicionadas a seguirem concepções da moralidade a qual estavam designadas, cumprindo papéis como o de ser mãe e esposa. Além do mais, vale ressaltar a influência do contexto histórico, em que os matrimônios eram a saída de

“vida” das jovens, bem como o silenciamentos dos seus corpos, de serem o que era ditado para serem.

Quando falamos de Ádria/José Otávio, é porque vemos o contraste de suas atitudes em relação ao que era imposto na época. Ádria/José Otávio por andar fantasiada de homem obteve oportunidades que um corpo feminino em sua época não teria. Foi uma mulher viajante. Foi uma mulher que pode exercer atividades pesadas e “inadequadas” à mulher da época, como “[...] copeiro, mensageiro, auxiliar de escritório, bilheteiro de cinema e vendedor de pão. Também lavou pratos em restaurantes chineses [...]” (MACAGGI, 1976, p. 45). A respeito disso, Almada aponta que:

[...] supomos que Nenê Macaggi vivenciou, nessaida ao garimpo, situação semelhante à que a personagem do romance experimenta. Na ficção, José Otávio, que na realidade é uma mulher que se traveste de homem, chega ao garimpo do Tepequém e passa a ser assediado por um garimpeiro, que desconfia de sua masculinidade [...] (ALMADA, 2017, p. 78)

Assim, como exposto por Almada (2017), o fato de Nenê ter conhecido a região do garimpo, ter vivido lá e até mesmo ter encontrado seu marido no garimpo, tais acontecimentos supostamente influenciaram na construção da personagem Ádria/José Otávio, bem como a descrição das suas vivências durante o enredo, uma vez que as experiências apresentam uma verossimilhança⁴.

3. ÁDRIA OU A MULHER D GARIMPO: DIÁLOGO ENTRE DOIS MUNDOS

Até o presente momento deste trabalho, já ficou evidente a percepção de que na Literatura e na sociedade a mulher esteve em constante padronização, sendo colocada em posição de submissão, de poder de sedução, sexualmente podendo ser usada ao bel prazer masculino. Ao vislumbrarmos a narrativa do garimpo, nos deparamos com Ádria e seus grandes deslocamentos. A personagem da obra *A Mulher do Garimpo*, desde sua infância teve se conformar com sua reconfiguração de corpo. De acordo com Grosz (2000), “o feminismo adotou acriticamente muitas das suposições filosóficas em relação ao papel do corpo na vida social, política, cultural, psíquica e sexual” (GROSZ, 2000, p. 47). Nesse sentido, notamos um olhar crítico de Grosz para o corpo feminino como uma construção social, um aprisionamento feminino ante as imposições da sociedade, perfil este, vivenciado por Ádria/José Otávio.

⁴ Acerca da similaridade entre a vida da autora e o enredo da narrativa, não nos cabe teorizações neste trabalho. Para discussão acerca do assunto, ver Almada, 2017.

Ádria, inserida em um contexto em que mentir sobre sua sexualidade era a garantia de proteção da sua virtude, enfrentou desde cedo a sociedade machista, que lhe impôs que ser menina é correr perigo porque você é mulher. Notamos que diante de uma sociedade ao avesso, em que as mulheres sofrem por ser mulheres, Ádria passou por uma (re)invenção de corpo para que o (os) homens dominadores da época não a abusassem.

Por não ser mais só Ádria e sim Ádria/José Otávio, a personagem foi inserida mais “facilmente” em contextos que eram considerados masculinos, pôde também exercer trabalhos que não eram considerados apropriados a uma mulher. Não podemos medir, nem mesmo calcular o a assolação que essa (re)invenção de corpo, de mulher para homem, causou na personagem. Assim, podemos pressupor que estar vestido como homem, e ser reconhecido como homem, lhe trouxeram algumas facilidades que as condições femininas poderiam lhe ocultar.

Ádria/José Otávio, a mulher do garimpo, vestida de homem, dos pés à cabeça, adentrou no garimpo de cabeça erguida. Seus serviços não lhe foram negados, pois não sabiam que ela era mulher. Sendo homem, portas e caminhos lhes foram abertos. Pôde ir e voltar. Receber e recusar. Deixar ou pegar. Obviamente, que por ser mulher e viver apenas vestida como homem, Ádria/José Otávio vivenciou na pele os preconceitos que a sociedade já pregava. Como já dito, por ser afeminado, era constantemente bombardeado com suposições sobre sua suposta sexualidade, como aponta um dos personagens da obra, ao dizer “[...] tu nasceu errado, rapaiz tu devia de sê muler! Cozinha que faz gosto. Nosso castelinho véve arrumado e limpo e nossa ropa também [...]” (MACAGGI, 1976, p. 175). Com base nesse discurso, percebemos mais uma vez a imposição da condição feminina ligada diretamente às atividades domésticas, à cozinha e ao lar.

As condições femininas e masculinas perante a sociedade sempre tiveram suas diferenças em grandes proporções, mais precisamente quando se trata dos direitos de cada sexo. Por mais que hoje muitas mulheres trabalhem nesses ramos citados por nós, o romance *A Mulher do Garimpo*, ambientado na década de 70, corrobora com a questão de que o trabalho na mineração era visto como trabalho masculino. O trabalho feminino, por inscrever-se no âmbito das responsabilidades para com a família, era motivo suficiente para a permanência da mulher em casa.

Considerações finais

Atualmente, quando nos deparamos com a questão de que “a mulher deve ser submissa ao homem” ou de que “a mulher não pode ser isso ou aquilo”, logo nos revoltamos, e com

razão. Felizmente, por mais que a sociedade na qual vivamos hoje não seja de todo perfeita, muitas foram as suas melhorias. Entretanto, a mulher, não pode se esquecer nunca, de onde veio, da sua história, das suas memórias, lutas e revoluções. O fundamento do machismo, enraizado na ideia de que o homem é superior à mulher, ainda existe. Por vezes, esse mesmo machismo, que busca a inferiorização da mulher, vem sendo usado de maneira “suave”, aquela coisa do bem disfarçado de mal. Aquele embasamento com o efeito de induzir os sujeitos a crer em uma farsa, voltada ao direito, dominação e submissão entre o homem e a mulher, fazendo uso do argumento sem contexto, para que o polo dominante e polo dominado, ainda existam mesmo que no século XXI.

Em suma, nosso encontro com essa personagem foi de grande valia para nossa análise e tomada de posição quanto à condição da mulher e o que a sociedade lhe impõe. Gostaríamos de enaltecer a Literatura como canal de transmissão de valores e conhecimentos entre as gerações. A sociedade ainda aponta e julga a mulher pela roupa que ela veste, pelo que ela fala, pelo ambiente que frequenta ou por ser mulher. Nesse sentido, podemos perceber que a luta da mulher é constante e que para o sujeito feminino, viver é resistir!

Referências

ALMADA, Silvia Marques de. **A questão do regionalismo em a mulher do garimpo, de Nenê Macaggi**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017. 174 p. (Coleção: Circum Roraima; v. 2).

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1990.

BONNICI, Thomas (org); ZOLIN, Lúcia Ozana (org). Teoria e Críticas póscoloniais. In: **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

GROSZ, Elizabeth. **Corpos reconfigurados**. Cadernos Pagu, Campinas, v. 14, p. 45- 86, 2000.

MACAGGI, Nenê. **A Mulher do Garimpo: O romance do extremo sertão norte do Amazonas**. Boa Vista: Gráfica Real, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976. [2ª edição].

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010

Recebido em: 30/09/2021

Aprovado em: 19/01/2022

Publicado em: 29/04/2022